

## UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO SOBRE O PROJETO PARTICIPATIVO

Lia Leme Zaia<sup>1</sup>

### RESUMO:

Considerando a necessidade de tomar decisões coletivas e realizar opções individuais e grupais para o desenvolvimento da autonomia necessária à vida democrática, propomos neste artigo o trabalho com projetos participativos, processo fundamentado na Pedagogia Operatória, cujos princípios e implicações pedagógicas têm por base a teoria piagetiana. Reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelo professor para diminuir o seu poder e propiciar ao aluno a tomada de decisões importantes no trabalho pedagógico, analisamos o papel da assessoria psicopedagógica, não apenas em relação à fundamentação teórica necessária ao professor, mas, principalmente, propiciando-lhe a segurança necessária à construção de uma nova prática pedagógica.

### Palavras chave:

Autonomia; interesse, discussão, tomada de decisão, assessoria psicopedagógica.

## A PSYCHOPEDAGOGIC VIEW ABOUT THE PARTICIPATIVE PROJECT

### ABSTRAT:

Considering the need to take collective decisions and carry out individual and group options for developing the autonomy necessary for democratic life, we propose in this article work with participatory projects, a process grounded in pedagogy operative, whose principles and pedagogical implications are based on Piagetian theory. Recognizing the difficulties faced by teachers to reduce their power and provide students with the important decisions on educational work, we analyzed the role of advisory psipedagógica, not only in relation to the theoretical foundation required for the teacher, but mainly giving you the security needed for the construction of a new pedagogical practice.

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação, Pesquisadora e Colaboradora no Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da UNICAMP, Coordenadora e Docente no curso de Especialização em Psicopedagogia da Faculdade Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Pardo, Docente no Curso de Especialização em Psicopedagogia do Centro Universitário Central Paulista- UNICEP – em São Carlos, Psicopedagoga Clínica e Institucional. E-mail: lialemezaia@gmail.com

Keywords: autonomy; interest, discussion, decision making, pedagogy operative

Um dos grandes objetivos da educação é propiciar o desenvolvimento da autonomia intelectual e moral do aluno, de forma a criar as condições necessárias para que possa participar da vida democrática de sua cidade, estado, nação. Para desenvolver a autonomia e possibilitar a participação na vida democrática, a escola precisa favorecer o estabelecimento da democracia em seus domínios.

Assim, é importante que se propicie a participação de todos os seus membros em decisões importantes, além de serem estimuladas as atitudes de respeito mútuo em todos os níveis de interação (entre alunos, alunos e professores, alunos e funcionários, alunos e especialistas, entre professores, especialistas e demais funcionários), valorizando o diálogo, a auto-regulação, a liberdade, a autonomia, o espírito crítico, a iniciativa e a responsabilidade.

As atividades que impulsionam a participação de todos não devem se limitar à periferia ou às decisões menos importantes, mas envolver questões significativas da vida escolar, relativas ao trabalho pedagógico, à convivência entre seus membros e com membros de outras instituições, ou à integração na sociedade. Também não podem ser esparsas ou limitadas a uns poucos eventos, mas devem acompanhar de perto a vida cotidiana na escola e na sala de aula, fazendo parte da rotina diária.

Por outro lado, não é preciso, nem conveniente, esperar que a criança se adiante no ensino fundamental ou médio para propiciar sua participação democrática, desde que se respeitem as possibilidades, necessidades e interesses de seu nível de desenvolvimento.

Neste artigo centrar-nos-emos na vida democrática da sala de aula. Entendemos ser difícil para o professor possibilitar ao aluno a participação direta nas decisões, em função de sua formação anterior, de seus hábitos de trabalho, da expectativa dos pais ou medo do julgamento pela a sociedade. Mesmo se ele compreende a necessidade de propiciar escolhas pelos alunos, dar a eles o poder de decisão quando se trata de situações centrais da vida escolar, pode ser muito difícil.

Percebemos aqui, a importância da assessoria psicopedagógica para dar ao professor a segurança necessária, abrindo espaços para que coloque suas dúvidas, medos, idéias divergentes e, a partir destes, introduzir questionamentos, propiciar a observação de situações

didáticas semelhantes, a experimentação e a busca. É ela quem garante ao professor o mesmo direito dado aos alunos de tentar, errar, tomar consciência e corrigir os próprios erros.

Uma das formas de possibilitar, na sala de aula, a tomada de decisões conjuntas é o trabalho com Projetos Participativos, com base na Pedagogia Operatória<sup>2</sup>, cujos princípios e implicações pedagógicas se fundamentam na Epistemologia e na Psicologia Genética Piagetiana.

De acordo com esta concepção educacional, é importante que o aluno possa propor atividades, assuntos, questões e problemas de seu interesse e, ao mesmo tempo, possa ouvir as propostas de seus parceiros; explicar, discutir, argumentar, na tentativa de convencer os companheiros da pertinência de suas propostas, tanto quanto refletir sobre as argumentações contrárias. Que tenha oportunidade de aceitar as decisões conjuntas, pautadas nos pontos de vista da maioria, estejam ou não de acordo com suas idéias iniciais. Isto porque, guardadas as devidas dimensões, estas formas de participação se assemelham às que se espera de um cidadão consciente em uma sociedade democrática.

De acordo com Sastre e Moreno (1987), toda aprendizagem operatória supõe sempre uma construção desencadeada por uma necessidade real. Para as autoras, a escola deveria propor a busca de soluções para os problemas colocados pela realidade do aluno, para satisfazer suas necessidades reais, sociais e intelectuais.

Explicando de outra forma, tomando situações próximas da realidade do aluno como ponto de partida, a Pedagogia Operatória consiste em desafiar os seus instrumentos de compreensão - suas estruturas mentais ou instrumentos de interpretação da realidade - de forma a provocar a busca de novas explicações para os fenômenos, de novas formas de solução para os problemas e, conseqüentemente, a superação do nível de desenvolvimento cognitivo em que ele se encontra. É importante a própria pessoa estabelecer relações entre os dados e os acontecimentos para obter a coerência.

Desta forma, é preciso permitir que o aluno formule suas próprias hipóteses, ainda que errôneas; estimular a busca da comprovação, ainda que saibamos que essas hipóteses não serão comprovadas; deixar que comprove por si mesmo a existência de mais de uma solução

---

<sup>2</sup> A Pedagogia Operatória consiste em desafiar os instrumentos de compreensão da criança - suas estruturas mentais - de forma que provoquem a busca de novas explicações para os fenômenos, de novas formas de solução para os problemas e, conseqüentemente, a superação do nível de desenvolvimento cognitivo em que se encontra.

possível para o mesmo problema; propiciar a discussão e a troca de pontos de vista entre colegas, a coordenação de esforços e a cooperação possível, bem como incentivar a sua participação nas decisões, no planejamento, na experimentação e na avaliação.

Assim, o Projeto Participativo distingue-se da metodologia de Projetos atual ou do passado, justamente pela possibilidade constante de os alunos realizarem escolhas e tomadas de decisão individuais, grupais e coletivas. A dinâmica da sala de aula centra-se no diálogo e na consequente tomada de decisões em conjunto, por voz e voto, entre os pares e com o (a) professor (a). O papel do (a) professor (a) no desenvolvimento do trabalho pedagógico é orientar, coordenar, supervisionar e avaliar as atividades desenvolvidas.

Para desempenhar este papel o professor precisa estar seguro de suas opções metodológicas a partir de uma fundamentação teórica consistente. Garantir essa fundamentação teórica é função da assessoria pedagógica, que também deverá garantir a prática coerente com ela, acompanhando o professor em seu planejamento, dando exemplos, propiciando a discussão das questões que possam surgir, ajudando-o a planejar atividades e orientando-o quando solicitar.

É interessante notar que uma das primeiras questões comumente levantadas por professores sobre o projeto participativo relaciona-se ao fato mesmo de ser participativo: - *Como provocar a tomada de consciência da criança ou mesmo do adolescente sobre seus interesses, sobre o que já conhece, o que deseja saber, o que deseja fazer?*

Busquets e Grau (1987) advertem os leitores sobre a necessidade de considerar nas respostas da criança a influência das expectativas dos adultos, dificultando a tomada de consciência de seus próprios interesses:

Cremos que pelo simples fato de perguntarmos à criança que trabalho prefere, ela nos responderá livremente segundo seus interesses. Em quase todos os casos, as respostas que obtemos são reflexos nítidos do meio em que vivem, com vestígios de todas as influências dos meios de comunicação, publicidade, moda, etc. (BUSQUETS e GRAU, 1987, p.327)

As autoras propõem, como forma de compensar essa influência, a apresentação de “um leque mais ou menos amplo de possibilidades para que realmente possa escolher; o ponto final será que possa discernir, de forma argumentada, qual das possibilidades lhe interessa” (idem, p.138).

De nossa parte, julgamos importante enriquecer as possibilidades, propiciando, antes da oportunidade de escolha do tema do projeto pelos alunos, muitas e diferenciadas atividades, atendendo aos interesses manifestados espontaneamente. Julgamos oportuno lembrar que, para ser interessante, a atividade precisa envolver desafios e situações problema um pouco acima das possibilidades já desenvolvidas pela criança, mas não tão difíceis que os faça parecer insolúveis.

Também se torna importante observar a reação dos alunos às atividades propostas; se despertam ou não interesse, curiosidade; que tipo de atitudes provocam, envolvimento, participação, busca de novas coisas a fazer ou não importismo, desatenção; tomando-as como indicativos importantes para a escolha de novas propostas e para perceber, no desenrolar da própria escolha coletiva do tema do projeto, se os alunos colocam seus interesses reais, se procuram argumentar em seu favor (sempre dentro de suas possibilidades) ou se submetem à vontade de outros, se são dominados por outros ou facilmente convencidos pelos amigos.

A escolha do tema ocorre em duas etapas: na primeira, de esclarecimento, os alunos que o desejarem podem apresentar propostas para a classe reunida em um grande grupo, explicando por que julgam interessante desenvolver esse tema, o que poderiam fazer ou aprender com ele. Julgamos essencial incentivar vários alunos a fazerem suas propostas, propiciar discussões, argumentações, o que pode fazer com que esta etapa se estenda por vários dias. Enquanto transcorre esta fase importante para a tomada de consciência dos próprios interesses, o professor continua propiciando diferentes tipos de atividade que possam despertar nos alunos o interesse por adquirir mais conhecimentos, criar, realizar outras atividades relacionadas aos assuntos trabalhados.

Na segunda etapa ocorre a eleição propriamente dita. Cada criança fala o seu tema preferido e explica a razão de sua escolha, isto é, por que esse tema lhe parece interessante. Justificar a escolha é importante para evitar que os alunos sigam sem refletir as escolhas feitas por colegas. Para justificar é preciso pensar sobre os temas propostos; mesmo quando convencido por outro, o aluno precisa encontrar uma razão para sua escolha, não basta repetir o que já foi dito.

Os votos são contados, comparados e registrados os alunos de acordo com seus próprios recursos, utilizando relação termo a termo, contagem, grafismos, ou outros meios de

que disponham. No caso de empate, os alunos devem pensar nas possibilidades de cada tema empatado para reiniciar, em outro dia, a primeira fase da escolha.

Uma vez escolhido o tema do projeto, de forma democrática e com a participação de todos, como descrito anteriormente e, antes de dar continuidade ao planejamento, é importante que o professor ou o grupo de professores envolvidos realizem uma sondagem para conhecer que idéias seus alunos já possuem sobre o mesmo. A sondagem das idéias prévias pode ser realizada a partir da expressão livre, de questionamentos orais ou apresentação de questões escritas, discussões, elaboração de textos, desenhos, modelagens, etc., de acordo com a especificidade do tema, tendo-se o cuidado de chamar a atenção para as diferenças entre as idéias. Aqui ressaltamos a necessidade de questionar para que expliquem e defendam suas idéias, esclarecendo os aspectos que possam gerar dúvidas.

Entretanto, é preciso evitar corrigir diretamente os erros, procurando questionar e construir situações em que as opiniões sejam colocadas à prova. Para tanto, o professor ou a equipe de professores poderá propor novas atividades, criar situações, colocar problemas que desequilibrem as ideias anteriores, possibilitando a construção de novas ideias, mais próximas daquelas aceitas pela ciência atual.

Partindo do que sabem sobre o tema escolhido, os alunos passam a propor assuntos a serem aprofundados e atividades a serem desenvolvidas, provocados pelas perguntas: - *o que desejam fazer?* e - *o que querem saber?*. Discutem, argumentam, votam e elaboram o primeiro índice do Projeto.

Gostaríamos de ressaltar que, entre crianças menores, a ênfase das escolhas, interesses e possibilidades, centra-se no fazer, sendo importante que o professor valorize a ação da criança como propiciadora do pensamento e da aprendizagem. À medida que a criança cresce, construindo novas estruturas mentais e novas possibilidades, o fazer passa a dividir espaço com o aprender e, nas séries mais avançadas do ensino fundamental, o aprender, embora ainda não domine os interesses dos alunos neste momento inicial, começa a ganhar terreno, o que fica evidente nas avaliações e auto-avaliações finais do projeto já desenvolvido.

O Professor, que participou durante toda a fase inicial, questionando, contra-argumentando e sugerindo, para evitar que as decisões fossem tomadas sem reflexão conjunta

e coordenação efetiva de esforços, passa a analisar as propostas em função das possibilidades, interesses e necessidades dos alunos.

Neste momento, o professor da educação infantil e dos primeiros anos do ensino fundamental complementa o planejamento inicial com outras propostas, propondo atividades e problemas que enriqueçam o trabalho e propiciem o aprofundamento possível e necessário do tema; enquanto o professor dos últimos anos, responsável pelas escolhas iniciais dos alunos, deverá levar para a equipe de professores as decisões tomadas em conjunto pelos alunos, para que analisem, reorganizem esse planejamento inicial, proponham complementações e planejem o desenvolvimento do projeto, de forma a abranger o maior número de disciplinas possível.

Cabe ao professor ou à equipe de professores, enquanto orientadores, organizar os eixos do trabalho a partir da listagem elaborada pelos alunos, levantar as relações possíveis entre as áreas curriculares e os temas transversais<sup>3</sup>, planejar unidades didáticas quando o tema for tão extenso que deva ser tratado por partes.

Após esta fase, realizada pelo(s) professor(es) a proposta será submetida novamente à classe para ser aceita ou sofrer novas modificações, de forma a atender melhor aos interesses de todos.

Uma vez delineado o projeto e a partir da elaboração do índice final, o(s) professor(es) dará(darão) andamento ao trabalho. Os alunos distribuem entre si as responsabilidades relacionadas ao tema, o que pretendem fazer e pesquisar, formando pequenos grupos de acordo com os interesses comuns. Os professores propõem outras atividades relacionadas, sempre que possível, às diferentes áreas do conhecimento e aos temas transversais, de forma a propiciar a inter e a trans-disciplinaridade.

Nos ciclos superiores de ensino, para atender às exigências da vida democrática, cada professor dará andamento ao trabalho dentro de sua área curricular, propondo aos alunos e à equipe de professores novas análises, discussões e escolhas conjuntas de rumos ou de atividades, sempre que houver necessidade. Por exemplo, quando um subtema se estende mais do que o esperado em função do interesse despertado nos alunos, ou quando diminui porque

---

<sup>3</sup> A transversalidade aqui é compreendida como a inclusão de questões próprias do cotidiano de uma comunidade, escolhidas a partir das necessidades dessa comunidade para funcionamento como eixo central do projeto pedagógico de uma escola.

outros interesses começam a aumentar. Mas é preciso lembrar que, mesmo nos casos de alterações, a decisão dos rumos a serem tomados cabe aos alunos sob orientação dos professores.

Desta forma, evidenciamos aqui a importância dos encontros e reuniões semanais entre os professores das classes mais adiantadas, seja aproveitando os horários já estabelecidos para o trabalho pedagógico, seja com a implantação de horários fixos. Esses encontros ganham objetividade quando coordenados pela assessoria pedagógica.

Da mesma forma, acreditamos que se torne necessário, com o andamento do projeto, a instituição de horários na rotina da sala de aula para a apresentação pelos alunos daquilo que já fizeram nos pequenos grupos ou individualmente, para socialização do que já aprenderam ou para a correção dos rumos e replanejamento do projeto.

Uma questão importante, levantada por professores em nossos encontros de formação e assessoria, realizados em diferentes escolas, relaciona-se aos temas não escolhidos: - *Como propiciar aos alunos, cujos votos foram vencidos, dar prosseguimento aos seus interesses?* Alguns temas podem ser introduzidos no índice final com certa facilidade, por sua relação com o tema escolhido; outros não. Neste caso, o professor poderá introduzi-los em outras atividades, uma vez que o projeto participativo não deverá tomar todo o tempo da criança na escola, sob pena desgastar o interesse dos que o escolheram e não atender o interesse dos outros, cansar as crianças pela monotonia do esforço centrado em apenas uma direção, limitar desnecessariamente o que poderia ser aprendido. Uma hora diária dedicada ao projeto é suficiente para um bom desenvolvimento, havendo possibilidade de aumentar o tempo diário quando o interesse aumentar; isto é, quando as crianças começarem a desejar mais tempo para as atividades do projeto e se mantiverem ativas e interessadas em suas atividades por longo tempo.

Os materiais para pesquisa também têm preocupado os professores, especialmente os da educação infantil e início do ensino fundamental, pela falta de textos adequados à compreensão e interesse das crianças pequenas. Ora, entre as características próprias dessa fase do desenvolvimento, encontra-se a predominância do fazer, como já foi abordado anteriormente neste texto. Desta forma, os materiais necessários para pesquisa devem servir ao professor, ajudando-o a compreender melhor o tema escolhido, as ideias prévias das



crianças, o processo de construção dos conhecimentos relacionados ao tema e, principalmente, os instrumentos intelectuais necessários à sua compreensão, possibilitando-lhe a escolha e a elaboração de propostas e atividades adequadas às possibilidades, interesses e necessidades das crianças sob sua responsabilidade.

Assim, na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, as atividades deverão prioritariamente proporcionar o fazer seja no jogo simbólico, na imitação, encenação, modelagem, desenho, além de serem propiciadas brincadeiras, músicas e histórias relacionadas ao tema. A partir do quarto ano, o fazer e o pesquisar tendem ao equilíbrio, mas a compreensão ainda se encontra muito vinculada ao que a criança faz efetivamente com os objetos. Começa a se delinear algum equilíbrio entre os dois tipos de atividades.

À medida que a criança avança na escolaridade, a pesquisa ganha terreno, mas o fazer continua muito importante para a compreensão, sem limitar-se ao fazer concreto, mas envolvendo operações mentais como a comparação, a inferência, a dedução. Nas séries mais avançadas também é necessário cuidado com os materiais fornecidos ou indicados para a pesquisa do aluno, sendo ainda muito importante a pesquisa do professor, pois além de analisar a correção do texto do ponto de vista científico e da linguagem, ainda é necessário analisar sua adequação às características, interesses e possibilidades de compreensão pelos alunos.

Entretanto, é interessante lembrar que neste processo todos pesquisam, elaboram textos individuais e coletivos, além das representações diversas que possibilitem a socialização dos dados coletados; também enfatizamos a importância do professor atender ao planejamento realizado pelos alunos na fase inicial, por um lado, e por outro a necessidade de elaborar atividades para aprofundar as questões respondidas superficialmente por eles, planejar situações para desequilibrar as idéias prévias que poderiam dificultar o estabelecimento de novas relações, problematizar para evitar soluções rápidas demais por falta de reflexão adequada, incentivar a troca de idéias, as discussões, a coordenação de ações e a cooperação entre os alunos.

Os materiais necessários às atividades propiciadas aos alunos também devem ser objeto de atenção pelo educador, que precisa selecioná-los com apoio no índice final e nas discussões e decisões dos alunos ocorridas durante o desenvolvimento do projeto, adequando-

os às possibilidades de utilização por eles e às possibilidades de obtenção pela escola e pela classe.

Quanto às possibilidades de utilização dos materiais, é necessário verificar se oferecem resistência suficiente ao manuseio pelos alunos, de acordo com a coordenação motora atingida por eles e se atendem aos objetivos a que se destinam. Como último aspecto, é preciso verificar a possibilidade de obtenção do material pela classe ou pela escola. Esta questão, colocada para os alunos, pode desencadear discussão e tomada de decisões principalmente quando houver interesse em utilizar materiais não disponíveis no momento. As questões: - *Como conseguir esse material específico? Onde? Quanto custa? Como conseguir o dinheiro necessário? O que podemos fazer? Quem pode nos ajudar? Outro material pode substituí-lo sem perder a qualidade do produto?* - acabam, muitas vezes, provocando novos planejamentos e ações conjuntas para angariar os fundos necessários ou para escolher outro material substitutivo.

Algumas atividades que envolvem a saída dos alunos para visitas, entrevistas externas, etc, provocam o mesmo tipo de questões, ajustamentos, elaboração de ofícios e outras formas de comunicação escrita ou oral para as autoridades responsáveis pela instituição a ser visitada ou que poderiam facilitar a utilização de algum meio de transporte necessário.

A participação da família nas séries mais avançadas parece mais clara para os professores, entretanto, na educação infantil é fonte de dúvidas. Como propiciar a participação da família sem correr o risco de enviar para a escola um excesso de assuntos pesquisados sem a compreensão e, às vezes, sem a participação da própria criança? Alguns temas propiciam as entrevistas, a visita dos pais à escola para responder a questões levantadas pelas crianças, alguns materiais podem ser emprestados ou cedidos para a classe e, se de todo não se pensar em uma alternativa interessante para todos, pelo menos a participação no processo de socialização final ser propiciada.

Outra questão comum entre professores se refere à duração do projeto, que não deve ser fixada antecipadamente, pois ela depende da manutenção do interesse entre os alunos. Quando o interesse manifestado pelo projeto, aumentado paulatinamente durante seu desenvolvimento, atingir um nível muito alto (clímax), chega também o momento de pensar em sua finalização, pois inevitavelmente começará a decrescer. As atividades continuam

sendo propiciadas, mas inicia-se a discussão sobre a forma como será encerrado. A escolha da finalização a ser dada ao projeto também será discutida e decidida democraticamente pelos alunos, sob a orientação do seu professor, ou de um professor escolhido pelos seus pares para assumir essa responsabilidade.

Escolhida a forma de finalizar o projeto, ela será organizada e preparada por toda a equipe envolvida, incluindo sempre todos os alunos e, nas séries finais, todos os professores da classe. Para tanto, os alunos poderão planejar e desenvolver peças teatrais, organizar revistas, exposições, seminários, palestras, encenações, com o objetivo de socializar os conhecimentos adquiridos e apresentar, para outras turmas, para suas famílias ou para a comunidade, o produto de seu trabalho durante o projeto.

A avaliação do projeto acompanha todo o processo. Por parte do aluno assume a forma de auto-avaliação, avaliação do grupo, dos parceiros de equipe, da atuação do professor, das atividades propostas, dos produtos e do próprio projeto. Por parte do professor assume os mesmos elementos, além de propiciar o estabelecimento de comparações entre as auto-avaliações, as avaliações feitas pelo grupo e as avaliações feitas pelo professor.

Cabe ao professor ou grupo de professores orientar as discussões entre os alunos para avaliação do projeto, clareando as opiniões divergentes, questionando quando ocorrer de forma muito rápida e superficial, procurando dar voz a todos os membros do grupo classe e contribuindo também com suas observações e análises.

Para se sentirem seguros no desempenho deste papel, é importante que, antes da avaliação final pelos alunos, os professores possam analisar, juntamente com os outros professores e com a assessoria psicopedagógica, todo trabalho desenvolvido. Para tanto, julgamos essencial que desde o início da implantação dos projetos participativos, os professores possam sentir-se à vontade para dizer o que pensam, o que sentem, fazem, para falar sobre o que julgam seus acertos e seus erros, sem medo da reação dos colegas, dos especialistas e dos membros da assessoria psicopedagógica. É preciso que todos se esforcem para constituir uma equipe cujo objetivo seja o apoio mútuo no desenvolvimento de cada um.

**Referências Bibliográficas:**

BUSQUETS, Maria Dolors (org.). *Temas Transversais em Educação. Bases para uma formação integral*. São Paulo: Ática, 1997.

BUSQUETS, Maria Dolors e GRAU, Xesca. Un aprendizaje operativo: intereses y libertad. In MORENO, Montserrat y El equipo Del IMIPAE. *La Pedagogia Operativa*. Barcelona: Editorial Laia, 1987 (Edição Original, 1983).

MORENO, Montserrat. Qué es la pedagogía operativa. In MORENO, Montserrat y El equipo Del IMIPAE. *La Pedagogia Operativa*. Barcelona: Editorial Laia, 1987 (Edição Original, 1983).